

## **“CAMPESINIA” E ENSINO DE GEOGRAFIA: A “ETNOGEOGRAFIA” DA QUESTÃO**

**Heitor Antônio Paladim Júnior – Doutorando em Geografia Humana – USP**  
hpaladim@usp.br

Este trabalho de pesquisa que está em seu início enquanto doutoramento visa dar continuidade a questões surgidas em meu trabalho de Mestrado no DGeo - USP defendido em fevereiro de 2005.

Seu objetivo principal busca referendar ou negar a tese de que as camponesas organizadas e em luta pela terra de trabalho constroem novas referências espaço-territoriais e, portanto isso pode semear práticas de ensino-aprendizagem de Geografia, em menor ou maior grau, dependendo da luta por educação do campo e da construção de escolas de assentamentos. Um diálogo entre um saber gerado na luta pela terra e a ciência geográfica pode autenticar a construção da cidadania camponesa, batizada por nós de *campesinia*. Conceito que pretende consagrar, apoiado no de *florestania*, a luta por espacialidades e territorialidades que incentivam sentimentos de pertença ao espaço social denominado Assentamento. Pretendemos explicitar a relação *saber da luta* e saber sistematizado através da prática de *oficinas de diálogos*, já praticadas por nós e os sujeitos que contribuíram na pesquisa de mestrado. Antes nos apoiamos na Escola 25 de Maio em Fraiburgo – SC, em nosso trabalho de campo vindouro pretendemos acompanhar práticas cotidianas em Grupos Coletivos de Produção nos municípios de Abelardo Luz e Dionísio Cerqueira em Santa Catarina. Experiências com mais e menos tempo de existência no campo da produção e suas relações com as Escolas do Campo, as estratégias das equipes de Acessória técnica e as preocupações intersetoriais do MST. Nestas linhas podemos perceber que nossos referências teóricos autenticam a existência de camponeses como sujeitos culturais e com participação na vida brasileira também pelo viés de sua socioterritorialização de luta por terra e conquista da cidadania, podemos aventar tais pressupostos nos referendando nas seguintes obras:

FERNANDES, Bernardo Mançano. Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro. Formação e territorialização do MST – 1979 a 1999. São Paulo: FFLCH-USP, 1999. (Tese de doutorado em Geografia Humana.),

\_\_\_\_\_. MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: formação e territorialização em São Paulo. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1995.

METIDIEIRO, Marco Antônio. O movimento de libertação dos sem-terra e as contradições da luta pela terra no Brasil. São Paulo: FFLCH-USP, 2002. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A agricultura camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. A geografia das lutas no campo. São Paulo: Contexto, 1991.

PORTELA, Fernando; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Amazônia. 7. ed. São Paulo: Ática, 1994.

STÉDILE, J. P. Questão agrária no Brasil. 3. ed. São Paulo: Atual, 1997.

## **“CAMPELINIA” E ENSINO DE GEOGRAFIA: A “ETNOGEOGRAFIA” DA QUESTÃO.**

**Heitor Antônio Paladim Júnior – Doutorando DGeo – USP**  
**hpaladim@usp.br**

Tendo em vista o meu mestrado, realizado no departamento de Geografia da USP e defendido em fevereiro de 2005, inicio uma nova pesquisa, agora para doutoramento, com a pretensão de dar continuidade às questões que surgiram ao longo do percurso que me levou a concluir minha dissertação.

A tese central desta pesquisa é que as camponesas organizadas e em luta pela terra, constroem novas referencias espaço territoriais e desta forma podem semear novas práticas de ensino e aprendizagem em geografia. O sucesso dessas novas práticas, no entanto, depende da luta por educação no campo e da luta pela construção de escolas em assentamentos.

Através das oficinas de diálogo (já praticadas durante a pesquisa de mestrado), ficará explícita a relação saber da luta e saber sistematizado. Pretendo então comprovar que um diálogo entre o saber gerado na luta pela terra e o saber gerado pela ciência geográfica pode autenticar a construção da cidadania camponesa, batizada por mim na dissertação pelo MST de "Campesina(campepinia)". Conceito este que, apoiado no conceito de "florestina" (florestania) deverá ser consagrado nesta pesquisa como a luta por espacialidade e territorialidade que incentivam sentimentos de pertencimento à este espaço social específico: os "Assentamentos de Reforma Agrária".

A pesquisa de mestrado esteve apoiada na experiência da Escola 25 de Maio em Fraiburgo – SC. Esta pesquisa vindoura deverá acompanhar práticas cotidianas em Grupos Coletivos de Produção nos municípios catarinenses de Abelardo Luz e Dionísio Cerqueira (experiências com diferentes tempos de existência). E ainda, suas relações com as Escolas do Campo, as estratégias das equipes de Acessória Técnica do MST e as preocupações intersetoriais deste movimento.

Nestas linhas podemos perceber que nossos referenciais teóricos autenticam a existência de camponeses como sujeitos culturais e com participação na vida brasileira, também pelo viés de sua socioterritorialização de luta por terra e conquista da cidadania. Podemos aventar tais pressupostos nos referendando nas seguintes obras:

Étant donné mon DEA, réalisé au Département de Géographie de l'USP (Université de São Paulo), présenté en Février 2005, Je commence une nouvelle recherche, cette fois là pour le Doctorat, avec l'objectif de approfondir les questions qui ont apparues tout au long du parcours qui m'a entraîné a conclure mon dissertation.

La thèse centrale de cette recherche est que les paysannes organisées et en lutte pour la terre, construisent des nouvelles références espace territoriaux et de cette façon peuvent semer des nouvelles pratiques d'enseignement et d'apprentissage en Géographie. Le succès de ces nouvelles pratiques, cependant, dépend de la lutte pour l'éducation en campagne et de la lutte pour la construction d'écoles dans les (assentamentos).

Parmis d'ateliers de dialogue (déjà pratiqués pendant la recherche pour le DEA), le rapport entre le savoir de la lutte et le savoir systematisé va être explicité. J' ai l' intention alors de montrer qu' un dialogue entre le savoir produit dans la lutte pour la terre et le savoir produit par la science géographique peut authentifier la construction de la citoyenneté campesynne, baptisée pour moi dans la dissertation de "Campesinia". Concept ceci qui, soutenu au concept de "florestinia", devra être consacré dans cette recherche aussi bien que la lutte pour l' espacialité et territorialité qui stimulent des sentiments d' appartenir à cet espace social spécifique: les "Assentamentos de la Réforme Agraire".

La recherche de DEA a été soutenue dans l' expérience del' École "25 de Maio" à Fraiburgo, à Santa Catarina. Cette prochaine recherche devra suivre les pratiques quotidiennes dans les Groupes Collectifs de Production dans les villes Abelardo Luz et Dionísio Cerqueira, de la région de Santa Catarina (expériences avec différentes périodes d' existence). Et, encore, ses rapports avec les Écoles de la Campagne, les stratégies des Équipes d'Aide Technique du MST (Mouvement des Paysans Sans Terre) et les préoccupations intersectoriales de ce mouvement. Dans ce sens nous pouvons percevoir que nos références théoriques authentifient l' existencædes paysans en tant que sujets culturels et avec participation dans la vie brésilienne, aussi à travers leur socioterritorialisation de la lutte pour la terre et la conquête de la citoyenneté. Nous pouvons énoncer ces pré-supposés ayant comme référence les oeuvres suivantes: